



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

GLAUCINEIDE SILVA SANTOS

A CONSTRUÇÃO DE LIMITES COM CRIANÇAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: UM DESAFIO NA REDE PÚBLICA
MUNICIPAL DE ENSINO DE SALVADOR

Salvador
2016

GLAUCINEIDE SILVA SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DE LIMITES COM CRIANÇAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: UM DESAFIO NA REDE PÚBLICA
MUNICIPAL DE ENSINO DE SALVADOR**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil do Programa PARFOR da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como critério parcial avaliativo do Trabalho de Conclusão do Curso.

Professora: Ms. Telma Cruz Costa

Salvador
2016

A Denys Silva Santos, meu querido, que nos deixou repentinamente em doze de junho de 2015. Apoiador de minha persistência em ampliar meus conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder o dom da vida e me capacitar para vencer com dignidade os obstáculos em minha vida.

A minha família por me acompanhar em todos os momentos difíceis.

Ao meu marido Edmilson, pela paciência amor e carinho.

A minha mãe Judite, por compreender as minhas falhas.

A toda equipe do curso de especialização pelo reconhecimento de minhas limitações.

A minha orientadora pela compreensão e destreza na arte de ensino.

A todo o grupo da escola em que trabalho por apoiar os meus esforços diariamente.

Muito obrigada, por contribuírem direta ou indiretamente na minha busca pelo conhecimento.

Para tudo há um tempo determinado; Há um tempo para toda atividade debaixo dos céus: Tempo para nascer e tempo para morrer; Tempo para plantar e tempo para arrancar o que se plantou; Tempo para matar e tempo para curar; Tempo para derrubar e tempo para construir; Tempo para chorar e tempo para rir; Tempo para lamentar e tempo para dançar; Tempo para jogar fora pedras e tempo para ajuntar pedras; Tempo para abraçar e tempo para evitar os abraços; Tempo para procurar e tempo para dar por perdido; Tempo para guardar e tempo para jogar fora; Tempo para rasgar e tempo para costurar; Tempo para ficar calado e tempo para falar; Tempo para amar e tempo para odiar; Tempo para guerra e tempo para paz. (Eclesiastes 3:1-8).

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo analisar as diferentes intervenções pedagógicas do trabalho docente na construção de limites com crianças do grupo quatro da educação infantil, da Rede Pública Municipal de ensino de Salvador. A ausência de limites representa hoje um dos principais desafios no contexto escolar do mundo moderno, porém as conceituações acerca desse tema estão longe de serem consensuais. Para compreender a indisciplina e a construção de limites na educação infantil, é necessário, antes de tudo, compreender a importância de resgatar valores éticos e morais imprescindíveis na formação dos alunos. Nesse sentido, a questão de pesquisa foi: Diante da convivência entre as crianças na primeira infância de que maneira o trabalho docente na Rede Pública Municipal de Salvador tem realizado as intervenções na perspectiva da construção de limites na educação infantil? Para aprofundamento do tema, foi realizada uma pesquisa qualitativa, a partir da etnografia com ênfase nos conhecimentos empíricos da realidade escolar, cuja pesquisa de campo foi realizada na escola Municipal do bairro de Mussurunga em Salvador/BA, na qual trabalha a professora/pesquisadora. As leituras foram embasadas em autores como: Zagury, (2001, 2002), Macedo (2004), Tiba (1996), Tonucci (2005) e Galvão (1995). Os resultados demonstram que a ausência de limites é fator que deve ser enfrentado tanto pelos pais quanto pelos professores, de modo a tentar contribuir com o resgate dos valores éticos e morais na escola e na família. Concluímos, que na escola pública muito se tem feito para a efetivação da construção de valores. Mas, esta não é uma responsabilidade exclusiva da escola. Porém, suas ações são limitadas pelas condições precárias em que funcionam, bem como pelas novas questões e estudos referentes a criança e a infância, que tem resignificado suas concepções pedagógicas.

Palavras-chave: Educação infantil. Construção de limites. Família.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	12
Figura 2.....	24
Figura 3	26
Figura 4	29
Figura 5	32
Figura 6	33
Figura 7	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.	8
2 CONSTRUÇÃO DE LIMITES: CONCEPÇÕES E IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL		12
3 INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS E O PAPEL DO PROFESSOR.		24
3.1 INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS 1: CONSTRUÇÃO DE COMBINADOS		26
3.2 INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS 2: EXEMPLO E ELOGIO		27
3.3 INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS 3: BRINCADEIRAS DE COMANDO		29
3.4 INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS 4: AUTO AVALIAÇÃO.....		31
3.3 INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS 5: CONVITE DA ESCOLA PARA FAMÍLIA.		32
3.4 INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS 6: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS		33
4 CONCLUSÃO		39
REFERÊNCIAS		40
ANEXOS		43

1 INTRODUÇÃO

A ausência de limite faz parte do cotidiano escolar ocupando um lugar especial, dentre algumas das principais preocupações pedagógicas. Buscar alternativas para criar um espaço de construção de limites é uma tarefa complicada, em especial para as escolas públicas onde percebemos a real necessidade de apoio de outros profissionais especializados para auxiliar os professores nessa tarefa árdua.

Segundo Tiba: “os filhos deveriam desde já, praticar em casa o que terão que fazer na sociedade. Esta é a verdadeira educação, tendo como uma de suas bases a disciplina” (1996).

No entanto, ultimamente, é cada vez mais difícil estabelecer limites para convivência com as crianças na escola, haja vista, que as famílias estão cada vez mais desestruturadas, implicando na inversão de valores morais. As crianças tornaram-se mais resistentes e menos dispostas a obedecer à autoridade dos adultos. Por outro lado, os professores aparentam estar inconformados com as limitações apresentadas para enfrentar essa situação.

Desde o nascimento nos é ensinando padrões e comportamento e a partir disso reproduzimos os valores produzidos socialmente. Antes de tudo, valor moral pode ser definido como "respeito à vida", não apenas a vida individual, mas sim a vida em grupo, já que vivemos coletivamente, dependendo uns dos outros. Abordar temas que estão relacionados à vida das crianças nem sempre é fácil, porém se faz necessário, à medida que a falta de limites interfere na rotina escolar, visto que é necessário buscar meios de elevar a autoestima das crianças a fim de resgatar valores éticos e morais imprescindíveis na formação da personalidade do indivíduo.

A partir destas inquietações ao longo desta trajetória profissional, escolhi pesquisar o referido tema, que teve como objetivo geral analisar as diferentes intervenções do trabalho docente na construção de limites com as crianças do grupo quatro da educação infantil da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador, bem como os objetivos específicos: identificar as intervenções pedagógicas planejadas pelo

professor pesquisador para construção de limites na educação infantil; e mapear os fatores que interferem na rotina escolar.

Diante da convivência entre as crianças na primeira infância de que maneira o trabalho docente na Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador tem realizado as intervenções na perspectiva da construção de limites na educação infantil?

Para tratarmos da temática, é importante que tenhamos clareza das implicações que caracterizam a falta de limites, que tradicionalmente são interpretadas, como uma ação comportamental da criança ou entendida como a ausência de disciplina.

Com o pretexto da falta de tempo dos pais e responsáveis, as crianças também têm iniciado desde bem cedo a resistência aos valores essenciais para a convivência em sociedade, e aprendem o que deveria ser aprendido dos pais, com os colegas mais “atualizados”, bem como nos meios de comunicação.

Enfim, está mais que na hora de todos nós enquanto professores, despertarmos para essa dura realidade que tem nos afligido ultimamente. Não podemos fechar os olhos para essas mudanças maléficas do mundo moderno.

Ajudando-me a compreender as inquietações acerca da construção de limites busquei referências dos teóricos Macedo (2004); Zagury, (2001, 2002); Galvão (1995), Tonucci (2005), Tiba (1996) que me deram subsídios substanciais para tratar de forma prática o referido tema.

A pesquisadora Izabel Galvão (1995), desenvolve investigações científicas no campo de interseção entre a educação infantil e a psicologia do desenvolvimento, com base na teoria de Wallon (1995).

A professora Tânia Zagury (2002), pioneira na discussão do papel dos limites na educação, discute com propriedade as consequências sociais geradas da liberdade excessiva e da falta de autoridade dos pais, que transferem para a escola as mazelas decorrentes de suas omissões.

A pesquisa tomou como base a abordagem qualitativa de cunho etnográfico, visto que esta permite perceber cuidadosamente as características fundantes dos processos sócios culturais dos contextos as quais as crianças da educação infantil estão inseridas.

Segundo Macedo, (2004, p.150)

Faz-se necessário ressaltar que em muitas etnopedquisas onde mais de uma realidade é estudada pontualmente, lança-se mão do denominado estudo sobre casos ou multicaso. Preocupados em resguardar a natureza ideográfica e relacional destes estudos, evita-se a mera comparação, construindo-se, por outro lado, relações contrastantes e totalizações onde o movimento é a principal característica.

Diante das explanações do autor entendemos que a etnopedquisa é abordagem mais adequada quando falamos em pesquisa na educação. Além disso, para a mesma realidade é uma construção de colaboradores sociais a qual valoriza o trabalho com a subjetividade, o cotidiano as ações e suas realizações.

Na condição de pesquisadora e professora da Educação Infantil a reflexão teórica exige o olhar sensível a criança dentro do contexto sócio-cultural em que ela está inserida. Segundo Macedo, (2004) é inevitável a relação de afeto entre o pesquisador e os colaboradores da pesquisa: [...] Não consigo imaginar um pesquisador desprovido de afeto em relação ao seu objeto de estudo. Mesmo sabendo da complexidade desta relação, ela é inevitável. " (p. 216)

Diante disso, em observância a rotina escolar das crianças em fase de construção de limites durante as brincadeiras livres e direcionadas, também conversei com pais e responsáveis na busca de opiniões de diferentes pessoas que convivem com estas crianças diariamente. A partir disso, criei situações favoráveis a validação dos limites no contexto escolar com as crianças do grupo 4C de uma escola municipal de Salvador situada no bairro de Mussurunga.

O presente trabalho monográfico está desmembrado em duas sessões, além desta introdução e das conclusões. Na primeira sessão fizemos um estudo teórico sobre as concepções e implicações da construção de limites na educação infantil.

Na segunda sessão descrevemos e analisamos, as intervenções pedagógicas realizadas por uma professora e comunidade escolar para o enfrentamento gerado pela falta de limites das cinco crianças observadas. Bem como o papel que a professora desempenhou em favorecer a construção de regras de convívio social.

Nas conclusões, analisamos que na escola pública muito se tem feito para a efetivação da construção de valores. Porém, suas ações são limitadas pelas condições precárias em que funcionam, bem como pelas novas questões e estudos referentes a criança e a infância, que vem surgem a cada momento. O estudo mostra que este debate pode contribuir essencialmente para suscitar questões críticas de fundamental importância acerca da construção de limites na educação infantil.

2 CONSTRUÇÃO DE LIMITES: CONCEPÇÕES E IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL



Figura 1: Momento do brinquedo do grupo 4

A construção de limite é um assunto polêmico e delicado, principalmente nas escolas de Educação Infantil. Existem aqueles que são contra e aqueles que são a favor de se dar limites desde a tenra infância. Porém, enquanto professora, há doze anos na educação infantil da Rede Municipal de Ensino de Salvador, tenho percebido o aumento constante e acelerado da falta de limites por crianças de quatro anos.

Diariamente, como educadores, presenciamos chutes, empurrões, gritos, birras, mordidas e, em geral, desrespeito aos pais e/ou responsáveis, aos colegas e a professora. Isso interfere diretamente na rotina escolar, no desenvolvimento da criança e o mais grave é que causa uma imensa angústia a aquele que poderia contribuir significativamente para a construção do processo de ensino aprendizagem, “o professor”.

Os pais e ou responsáveis relatam que não sabem mais o que fazer com uma criança de quatro anos de idade, enxurradas de informações baseadas no achismo e pessoas que inclusive tercem comentário impondo que o professor deva ser radical, pois no passado não existia isso.

O fato é que o tema limite na primeira infância tem causado embaraços aos pais e/ou responsáveis, professores e intelectuais, tornando-se um objeto de suma importância para pesquisadores do meio acadêmico.

Entretanto, para que possamos romper paradigmas antes de tudo se faz necessário entender o real significado de "limite". Após a leitura detalhada de algumas referências, vale destacar dois conceitos relevantes de limite, segundo os dicionários consultados: como "ponto máximo que não deve ser ultrapassado" Saraiva, (2013). "Ponto onde alguma coisa termina; fim (a paciência do professor chegou ao limite quando o aluno subiu na carteira)" Saraiva (2009).

Tiba (1996, p. 145) conceitua limite como: "o conjunto de regras éticas para se atingir um objetivo. A ética é entendida, aqui, como o critério qualitativo do comportamento humano envolvendo e preservando o respeito ao bem estar biopsicossocial".

Então, podemos afirmar que limites são princípios norteadores que primam pela convivência harmoniosa e digna da humanidade. Assim, com base nos estudos de (Tiba,1996), percebemos a necessidade de haver limites para que o ambiente escolar seja agradável a todos e favorável ao processo de ensino aprendizagem significativo.

A sua ausência tem causado consequências devastadoras assim como o excesso que tínhamos no passado. Isso porque a falta de limites gera insegurança e sentimento de desamparo.

Nesse sentido, Zagury (1996, p.31) afirma que,

Sentir limites é para criança uma questão de segurança – uma necessidade básica. Não estabelecer limites é uma opção que um pai pode fazer. Mas é importante que, se o disser, o faça sabendo que, ao contrário do que possa parecer, é também através dos limites que a criança percebe que alguém se preocupa com ela e a protege. O limite faz com que ela perceba também que esse alguém é um alguém forte, que sabe e tem segurança do que faz.

Percebemos claramente que muitas famílias veem negligenciando suas responsabilidades com relação à educação dos filhos. Isso é evidenciado através do

mau comportamento das crianças em lugares públicos e até mesmo na escola. O desrespeito impera e as boas maneiras tornam-se apenas fantasias das histórias de contos de fadas.

O equilíbrio é essencial na construção de limites, tendo em vista a atual conjuntura social, em que presenciamos pais sem preparo psicossocial para educar os filhos e para saber lidar de forma equilibrada com os possíveis conflitos sociais.

Alguns temem dar limites, acreditando que os mesmos podem desencadear uma série de traumas psicológicos na criança. Conforme Santos (2004, p. 46):

A ausência de limites, instituídas na educação familiar por pais demasiadamente tolerantes, fecunda consequências desastrosas, produzindo crianças indisciplinadas, extremamente agressivas, insolentes, rebeldes, por conseguinte vivem sempre em conflitos internos, demonstram insegurança em tudo realizam, crescem ampliando paralelamente sentimentos nada plausíveis, como o egoísmo e a intolerância, pois estão sempre convictos de que as pessoas que os rodeiam estarão a sua disposição para satisfazer suas necessidades.

Daí a importância de se estabelecer limites com as crianças desde bem pequeninas. Elas precisam perceber que o “famoso não” é vital para o desenvolvimento de sua autonomia e identidade. E que ao longo da vida ela receberá vários “não” como resposta.

Isso significa que os pais devem exercer sua autoridade em relação aos filhos, de forma justa sem abusar de seu poder enquanto adultos. É importante lembrar que a autoridade é conquistada com respeito. E que se faz necessário explicar aos filhos “o porque não e o porque sim” de cada informação dada a eles, para que entendam de forma prática como suas ações podem contribuir para a melhorar ou piora de seu convívio em sociedade.

A parceria eficaz família/escola, contribui diretamente na solução dos problemas encontrados por professores com a ausência de limites da criança. Segundo Zagury (2001): A escola “deve revitalizar a confiança da família no seu papel de formadora e trazê-la cada vez mais para dentro da instituição”.

E como a criança passa boa parte do tempo na escola é coerente que a mesma revele suas ansiedades e angústias no contexto escolar.

Um dos princípios básicos para crianças na educação infantil é a aquisição de valores como os da inviolabilidade da vida humana, a liberdade e a integridade individuais, a igualdade de direitos de todas as pessoas (Brasil, 2009).

Fica claro que a escola é um espaço onde devemos resgatar valores para a formação da criança, enquanto sujeito participante no que se refere ao respeito as diferenças e as relações sociais. Nesse aspecto as escolas de educação infantil tem conquistado o reconhecimento da sociedade.

A rotina na educação infantil tem sofrido interferências diversas resultante da falta de limites das crianças mesmo pequenas. Esta ausência tem causado conflitos entre pais e professores.

Há crianças que tem imensa dificuldade em adaptar-se a rotina e professores que mesmo capacitados apresentam dificuldades para lidar com cada situação que surge diariamente.

Porém, segundo Barbosa,(2006, p. 35)

Rotina é uma categoria pedagógica que os responsáveis pela educação infantil estruturam para, a partir dela, desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições de educação infantil. As denominações dadas á rotina são diversas: horário, emprego do tempo, sequências de ações, trabalhos dos adultos e das crianças, plano diário, rotina diária, jornada, etc.

As atividades desenvolvidas na rotina são fundamentais ao desenvolvimento infantil principalmente no que diz a limites. Pois, a rotina é construída com o objetivo de garantir o respeito e a integridade dos pequeninos. Na chegada, todos os profissionais

em educação são orientados a propiciar a acolhimento, segurança e afetividade. Porém, algumas crianças rejeitam essa demonstração de carinho e atenção.

Em seguida a criança tem acesso livre a materiais que promovem oportunidades de interação mútua. Todavia, tem aquelas que de alguma forma tenta inviabilizar esse processo.

Na roda de conversas, por exemplo, as crianças são incentivadas a externar seus sentimentos e perceber os sentimentos dos colegas. Observamos que há crianças que preferem o silêncio e outras se tornam indiferentes aos sentimentos de outros, muitas vezes impedindo que outros colegas se manifestem.

Tornando árduo o trabalho do professor em manter a harmonia no ambiente escolar mesmo que o mesmo flexibilize o tempo destinado as vivencias, considerando o envolvimento das crianças.

Ao longo do dia, enquanto professores, presenciamos variados tipos de resistência e tentativa de rompimento de regras construídas coletivamente pelas crianças. Embora tenhamos conquistado cada vez mais o reconhecimento da sociedade é de fundamental importância ampliar os momentos de diálogos com a escola acerca das implicações geradas da construção de limites na rotina escolar.

Se faz necessário entender antes de tudo é que a criança que violam os limites no contexto escolar, evidencia sinais de carência afetiva como um todo. Isso resulta na perda de valores que enfrentamos na atual conjuntura.

Enquanto profissionais da área de educação precisamos acompanhar as inúmeras mudanças ocorridas no mundo moderno fazendo uma correlação com a nossa práxis. De acordo com (Kramer, 2011) as inquietações teóricas tornam possível o crescimento intelectual de cada pesquisador e do grupo.

Partindo desse pressuposto, enquanto pesquisadora durante a minha trajetória acadêmica no curso de especialização em docência na educação infantil percebi claramente o meu amadurecimento em relação a construção de limites na educação infantil.

Escutar a criança é essencial na busca da efetivação de valores e regras do convívio social. Também se faz necessário que a criança compreenda o verdadeiro significado de limite em sua vida social. Segundo Zagury (2001),

Os limites são importantes para a formação da personalidade. São eles que vão ajudar a criança a desenvolver a capacidade de suportar frustrações. Sabe-se que bebês sem disciplina tendem a tornar-se adolescentes e adultos que não sabem adiar seus desejos tendo dificuldades em lidar com seus próprios impulsos e, até mesmo, com a realidade. A falta de limites pode provocar desgastes na relação familiar, excesso de punição, culpa nos pais e por tudo isso, sofrimento. Ademais, a birra da infância pode transformar-se, mais tarde, em agressividade, violência ou depressão.

Na verdade, enquanto professores, precisamos ter a consciência que dá limites às crianças é contribuir para o desenvolvimento dela enquanto sujeito. Entretanto, isso requer esforço árduo e contínuo. É vital que cada criança seja compreendida individualmente dentro do contexto a qual está inserida.

Convém salientar que mesmo com todos os esforços dos professores algumas crianças continuam resistindo avidamente, rompendo regras e extrapolando valores morais diariamente. Não existe fórmula mágica, o melhor é ter paciência e bom senso ao lidar com tais situações, pois segundo um provérbio bíblico “sobe pressão até um sábio age como louco”.

Na medida em que somos capazes de nos comunicarmos e de encontros autênticos, somos capazes de aprender e de desenvolver nossos conceitos como pessoas atuantes numa sociedade. Para aprender, é preciso justamente está aberto a tudo e a todos que nos cercam estarem presentes e envolvidos ativamente no que fazemos e no que nos acontece a cada momento.

A realização da concretização dos objetivos do grupo exige a capacidade de compreender e lidar tanto com os aspectos explícitos quanto com os implícitos em nível individual e grupal, ou seja, os conhecimentos produzidos durante todo o percurso fazem parte do exercício, por que envolve criação, aprendizagem, operação e mudança. Mas, aceitar as necessidades das pessoas e do grupo não significa abrir

mão de seus conceitos. Na verdade, significa compreender os conceitos dos membros que integram o grupo respeitando a individualidade de cada membro. E perceber como esses conceitos podem contribuir para a evolução do processo de crescimento grupal.

Zagury (2002, p.35) afirma que:

Quando nasce, a criança é hedonista (vive em busca do prazer e da satisfação imediata de seus desejos e necessidades) e egocêntrica (o bebe e a criança pequena tem a ideia mítica de que o mundo gira em torno deles próprios, de que todas as pessoas e coisas existem apenas para a satisfação de seus desejos).

Zagury (2002) ainda ressalta que a criança “não tem nenhuma noção de valores”. Assim, “não sabe – e nem pode saber – o que é certo ou errado” (p. 35).

Sabemos que durante séculos a educação tem sido um instrumento muito eficaz de dominação a serviço dos detentores do poder. Somos conscientes de que infelizmente a educação infantil, também, está mergulhada em costumes e conceitos que dificultam a estruturação da identidade da criança. Segundo Tonucci, (2005, p.17)

Entregar-se às crianças, solicitar a ajuda delas, não é fácil. É um difícil compromisso, um risco notável, porque as crianças são exigentes e não podem ser enganadas. Só podem entregar-se às crianças aqueles que acreditam que valha a pena e que não existe soluções melhores e mais seguras para sair das contradições de nossa vida contemporânea.

Pertencemos hoje uma sociedade essencialmente individualista, onde o poder é muito mais importante que o ser, o saber fazer é muito mais cultuado que a essência do saber. Percebemos, ainda que de forma velada que a opressão deixou de ser tão direta, mas, tem assassinado milhões de pessoas quando anulam sua identidade e valorizam a obediência a imitação e a repetição de papéis que produzem indivíduos com baixo grau de autonomia.

Para Tonucci, (2005, p.17):

Conceder a palavra às crianças não significa fazer-lhes perguntas e fazer com que responda aquela criança que levantou a mão em primeiro lugar. Dessa forma, conseguem-se lugares comuns e estereótipos, isto é, a primeira coisa que vem à mente, e suscita-se entre elas, uma forte competição: quem sabe responde primeiro. Conceder a palavra às crianças significa, pelo contrário, dar a elas as condições de se expressarem.

Em suma, durante a observação e leitura teórica observamos a necessidade de entendermos mais profundamente o que está além do comportamento irrefletido de nossas crianças na escola. As mesmas não são essencialmente vilãs, são vítimas de um sistema caótico e perverso que nos sufocam. Desta forma, passamos a entender com outros olhos as manifestações de insatisfação e angústia crescente em crianças pequenas. A luta é diária e constante, muitos professores não resistem à pressão e entregam-se ao desespero.

As reações são diversas, alguns professores desenvolvem doenças como stress e síndrome do pânico as quais comprometem todo o processo de ensino aprendizagem, pois são patologias que desencadeia sintomas nocivos à saúde humana muitas vezes afastando-os definitivamente de suas atividades. Outros, inclusive passam a acreditar que são incompetentes para exercer a função e se encobrem no espírito de negatividade que permeia a sociedade. A qual afirma que o professor não tem domínio de classe.

A impotência do professor é assunto sério a ser discutido urgentemente pelos teóricos e toda a sociedade. Enquanto, ainda, temos pessoas conscientes da importância desses profissionais para trabalhar ativamente na construção de limites com crianças da educação infantil.

A ausência de limites numa sala de aula gera diversas consequências, crianças sem limites na maioria das vezes incitam os colegas a participar de suas peripécias por serem normalmente os líderes nos rompimentos de regras.

Há crianças que apresentam extrema dificuldade em cumprir a rotina e os horários estabelecidos para as atividades diárias na escola, como por exemplo, esperar sua

vez para lavar as mãos antes a hora da merenda, desejar apenas o brinquedo que se encontra na mão do colega usando a força para consegui-lo, desrespeitar a fala do outro, entre outras atitudes como o descontrole emocional, gritos e ataques de raiva que interferem na rotina escolar. Segundo Zagury (2002), a escola é uma instituição que muito irá colaborar com pais nesse sentido, mas nunca os poderá substituir.

Diante dessas implicações se faz necessário que a construção de limites seja um processo constante na rotina escolar. Visto que a criança necessita de um adulto para ensiná-la a compreender o significado de se ter limites na vida em sociedade.

Para Galvão, (2005, p. 104)

No cotidiano escolar são comuns as situações de conflito envolvendo professor e alunos. Turbulência e agitação motora, dispersão, crises emocionais, desentendimentos entre alunos e destes com o professor são alguns exemplos de dinâmicas conflituais que, com frequência, deixam a todos desamparados e sem saber o que fazer. Irritação, raiva, desespero e medo são manifestações que costumam acompanhar as crises, funcionando como “termômetro” do conflito.

Naturalmente, é preciso lembrar que o professor de forma alguma pode suprir a deficiência da falta de limites, ignorada pelos pais e incentivada, ainda que indiretamente, pelos meios de comunicações em massa.

Nesse aspecto, Aquino (1997, p. 142) diz:

Na busca de melhoria do ensino, um aspecto nem sempre lembrado, mas que assume especial relevância é o que se refere ao dimensionamento do papel formativo da escola, principalmente nos dias atuais em que se ampliam e se aprimoram as demais agências informativas, especialmente, a imprensa, a televisão, os meios computacionais. Nessas condições, torna-se imprescindível, definir os limites da ação formativa da escola.

Porém, convém salientar que, as ações do professor principalmente na educação infantil são modelos que servem de base para a criança na escola e eventualmente para vida em diversos grupos sociais.

Segundo Galvão, (2005, p.105)

[...] nas interações marcadas pela elevação da temperatura emocional, cabe ao professor tomar a iniciativa de encontrar meios para reduzi-la, intervendo a direção de forças que usualmente se configura: ao invés de se deixar contagiar pelo descontrole emocional das crianças, deve procurar contagiá-las com sua racionalidade.

Desde criança tinha interesse em ensinar, com o objetivo de tornar a sala de aula um lugar prazeroso, estava entediada de fazer copias em demasia, e sendo canhota, ficava horas e horas escrevendo toda contorcida na carteira até que um belo dia recusei totalmente a copiar mais um texto enquanto a professora relaxava em sua mesa. A insistência dela era uma tortura para mim, até que ela me prendeu na sala e disse que eu só iria para casa caso terminasse a cópia do texto que era enorme.

Isso não me intimidou muito pelo contrário, causou-me um forte acesso de ira e sofri várias consequências, a escola pediu um eletroencefalograma e se minha mãe não intervisse talvez fosse pior. Porém perdi totalmente o interesse nos estudos, estudar me cansava muito.

Segundo Aquino, (1997, p. 21)

O fracasso escolar, que tem sido concebido como o fracasso do aluno antes às demandas escolares, é hoje provavelmente o maior empecilho à democratização das oportunidades de acesso e permanência da grande massa da população em nossas instituições escolares. É nesse sentido, o maior sintoma da crise de nossas escolas.

Acredito sinceramente que as atitudes de represaria de um professor em relação aos alunos, enfraquece a credibilidade que muitos de seus alunos têm de si mesmo. E conseqüentemente contribui para o rompimento de limites gerando, resistência a aceitação de regras. O que posteriormente poderá resultar no fracasso escolar.

Segundo Tonucci, (2005, p.16)

Todos os “chega! ” Sufocados representam uma carga explosiva e perigosa que cada criança carrega dentro de si e que poderia até produzir danos, mas que pode tornar-se um formidável recurso criativo e participativo. A alternativa dependerá dos adultos.

Posteriormente, contatei a veracidade das palavras de Tonucci (2005), mais tarde em minha vida acadêmica e profissional. Pensando em quanto eu poderia contribuir para a educação comecei minha vida profissional aos oito anos de vida. Montei uma escola no quintal de casa para ensinar os filhos dos vizinhos. Participei de diversos cursos e atuei em diversas áreas. Depois, resolvi fazer o curso de pedagogia em 2007, entrei na rede municipal de Salvador em 2004, ingressando como professora do grupo quatro.

A educação infantil foi o lugar que eu me encontrei, estar em sala é um deleite, principalmente quando percebemos aqueles olhos brilhando de alegria em vê a professora. É fantástico lembrar todos os dias a maravilha que é ser e estar com crianças. Porém, durante algumas capacitações e cursos ao longo de minha vida profissional, angústias e inquietações foram surgindo referente à minha prática.

Ao ingressar no curso de Especialização em Docência em Educação Infantil, fui preparada para criticar cada argumento falado, pois acreditava que a minha concepção em reação teoria, prática na educação infantil era totalmente diferenciada e a melhor. Fiquei entusiasmada quando aos poucos fui descobrindo que existiam profissionais com pensamentos semelhantes aos meus, e logo no curso me entreguei as discursões aprofundando meus conhecimentos na educação infantil.

O presente trabalho é uma prova incontestável de que a teoria pode sim aproximar-se da prática. Pude acrescentar muito do que vivenciei nas oficinas imediatamente na sala de aula com meus alunos.

Entretanto, ainda paira no ar uma pergunta: Diante da convivência entre as crianças na primeira infância de que maneira o trabalho docente na Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador tem realizado as intervenções na perspectiva da construção de limites na educação infantil?

No próximo capítulo, analisaremos essa inquietação vivenciada diariamente pela classe docente, bem como o papel desse profissional na vida escolar da criança.

3 INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS E O PAPEL DO PROFESSOR



Figura 2: Turma do grupo 4.

Os professores embora sejam profissionais qualificados, não estão totalmente preparados para as intercorrências geradas da falta de limites por parte das crianças. A todo o momento quando menos se espera, surgem fatos que indignam esses profissionais em educação. E conseqüentemente, essas crianças desestabilizam todo o grupo aparentemente homogêneo com suas atitudes infantis.

Para compreensão efetiva dos desafios que os professores enfrentam, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa de base etnográfica por ser a mais adequada aos propósitos da pesquisa que se deu na sala de aula da pesquisadora. Permitindo que a mesma, possa investigar o assunto por diferentes perspectivas.

Para Macedo, (2004, p. 69):

[...], para o olhar qualitativo é necessário conviver com o desejo, a curiosidade e criatividade humanas; com as utopias e esperanças; com a desordem e o conflito; com a precariedade e a pretensão; com as incertezas e imprevistos. Acredita-se, dessa forma, que a realidade é sempre mais complexa que nossas teorias e não cabe em um só conceito.

Essa afirmação do autor traduz a importância singular que a etnopesquisa oferece para a investigação mais próxima da realidade do que se é observado. Por permitir uma reflexão acerca do que está envolvido por trás do processo de construção de limites na educação infantil.

Segundo Galvão, (apud Wallon, 1995), com relação as metodologias para acesso à criança, a observação é o instrumento mais apropriado para a pesquisa com crianças.

Para Galvão, (1995, p. 36)

A observação permite o acesso à atividade da criança em seus contextos, condição para que se compreenda o real significado de cada uma de suas manifestações: só podemos entender as atitudes da criança se entendemos a trama do ambiente no qual está inserida.

Foram observadas de forma sistemática, as atitudes de cinco crianças do grupo quatro de educação infantil por um período de dois meses em uma escola da Rede Municipal de Salvador situada no bairro de Mussurunga/Salvador/BA.

As crianças envolvidas foram selecionadas devido à dificuldade encontrada em aceitar os limites na convivência escolar. Segundo Zagury (2002, p. 39)

Sem orientação e sendo atendida sempre que grita, bate, quebra coisas, esperneia ou xinga, a criança vai adotando essa mecânica como forma de comunicação e controle do mundo e das pessoas. Quando começa a ir a escola, por exemplo, tende a não aceitar restrições às suas ações [...].

As cinco crianças analisadas apresentam resistência ao processo de construção de limites no contexto escolar. Foram usadas apenas as três primeiras letras do nome para identificá-las. Fazem parte do grupo quatro da educação infantil, composto aproximadamente vinte e três crianças, uma primeira regente, uma segunda regente e uma auxiliar de classe. Onde a primeira regente faz parte do curso de Especialização em Docência em Educação Infantil – UFBA. Porém, foram usadas apenas as três primeiras letras do nome para identificá-las.

Visando tratar os conflitos resultantes da falta de limites, percebeu-se a necessidade de se trabalhar valores e regras de forma dinâmica por intermédio de brincadeiras de comando, jogos e construção coletiva de combinados.

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI), os centros de educação infantil, devem criar condições para que a criança aprenda a opinar e a considerar os sentimentos e a opinião sobre um acontecimento, uma reação afetiva, uma ideia, um conflito.

Foram utilizadas pela professora seis intervenções pedagógicas no processo de construção de limites: construção de combinados; exemplo e elogio; Brincadeiras de comando; Auto avaliação das crianças; Convite da escola para a participação da família; e contação de histórias.

3.1 INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS 1: CONSTRUÇÃO DE COMBINADOS



Figura 3: Participação das crianças na construção dos combinados.

O objetivo dos combinados é acordar com as crianças algumas regras básicas para o convívio escolar. Nessa perspectiva, as crianças foram reunidas para contruir os combinados em sala. Todas sentaram em círculo em volta da professora para instituírem as regras a serem seguidas em sala. As mais citadas pelas crianças foram:

Não bater no colega; Não xingar; Não tomar o brinquedo do colega; Não jogar os brinquedos no colega. (fala das crianças do grupo 04, 2015).

Então, a professora foi perguntando a cada um deles se era certo bater, uma criança disse: “minha mãe bate e muito forte”. “assim, ó”, tentando demonstrar com o colega ao lado.

Outra disse: “minha avó xinga! ”. Antes que a professora pudesse se pronunciar um coleguinha retrucou imediatamente: “xingar é coisa do diabo”. Nesse ínterim duas crianças que estavam fora da roda se aproximaram para participar da discursão. Uma perguntou: o que é xingar pró? A professora sabiamente tentou saber das crianças o que elas entendiam por xingar.

As crianças definiram como “falar coisa feia”, ou seja, elas entendiam que os palavrões não era algo para se estar repetindo.

3.2 INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS 2: EXEMPLO E ELOGIO

O exemplo e o elogio são grandes aliados dos professores na construção valores. Voltamos, então, para o não bater no colega. A professora indagou aos pequeninos o motivo de não se bater no outro. E se já tinham visto a professora fazer isso. Todos pararam perplexos com a questão. Realmente, nunca presenciaram tal comportamento por parte de sua querida pró. Logo em seguida uma criança citou: A polícia bate! Bateu em meu primo! A professora perguntou e aqui na escola vocês já viram um adulto batendo em alguém? Eles responderam em alto e bom tom: não! Então, disse a professora sigam nosso exemplo. (os alunos percebem o bom relacionamento que os professores, funcionários, coordenação e direção possuem dentro unidade escolar).

Entretanto, MIL bateu na colega tentando tomar lugar dela na roda. “e agora?” Perguntou a pró calmamente, mas, com um olhar fixo. “Está certo isso MIL?” sua

colega está sentindo dor, era só pedir com licença, agora peça desculpa a sua colega. Então, MIL saiu da roda rapidamente e gritou: “não!” e começou a chorar.

A atitude de MIL nos leva a refletir sobre as palavras de Zagury (2002, p.40):

Educar envolve um novo desafio a cada dia. Cada situação tende a se repetir muitas e muitas vezes, transmutada em outras formas, porém com a mesma essência. Muitos pais hoje são tão imediatistas quanto seus filhos – querem tudo para hoje, para já, para agora. E, em educação, não dá para ser assim. Há que se repetir, com calma, centena de milhares de vezes a mesma coisa, para funcionar...

E isso foi o que a professora fez a todo momento com as crianças até que uma delas apontando para o cartaz do combinado disse: “a pró não já falou que tem que ter cuidado com o coleguinha MIL ? aqui ó não pode bater no colega tá ‘escrevido’ aqui”. A pró elogiou a menina que lembrou a MIL para ter cuidado com o colega e pediu novamente a MIL que pedisse desculpas. Só que desta vez a professora falou primeiro: Me desculpe querida pelo que aconteceu, está doendo muito? A pró virando-se para Mil disse: “agora é sua vez minha linda!

E timidamente MIL dirigindo-se para a colega disse em voz baixa: “me desculpe”. Em seguida a professora fez um sinal de aprovação e a elogiou pela atitude. Segundo a autora citada acima, a regra, portanto é simples – premiar e recompensar as atitudes positivas e ignorar ou reprovar as negativas. Zagury (2002).

3.3 INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS 3: BRINCADEIRAS DE COMANDO



Figura 4: Participação das crianças andando na linha.

A professora levou para as crianças uma brincadeira de comandos (boca de forno) e começou a desenvolver com elas. Entretanto, três delas insistiram em fazer tudo contrário a aos comandos interrompendo a brincadeira, a professora perguntou se uma delas gostaria de dá os comandos LUI aceitou e pode sentir na pele o que fizera anteriormente no grupo.

LUI começou a chorar quando a pró interveio pedindo aos colegas para ouvi-la, isso com certeza a ajudou a perceber a importância do ouvir para ser ouvida.

Outro princípio das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil DCNEI, é estruturar ambientes que permitam às crianças a expressão de sentimentos, ideias e questionamentos em relação à busca do bem-estar coletivo e individual, à preocupação com o outro e com a coletividade.

Porém, é essencial que o professor propicie diariamente esses ambientes e que faça isso deixando claro para a criança que seus direitos acabam onde começam os direitos dos outros.

Em um determinado momento as crianças estavam brincando e a professora com a brincadeira de comando pediu que elas guardassem os brinquedos. Então, KAU começou a gritar muito, os colegas por sua vez disseram: está na hora de guardar os brinquedos KAU, vamos. E foram até a parede para lembrá-lo da rotina. KAU não quis acordo com o alerta da colega, usando o grito como sua forma de dizer que não iria em hipótese alguma guardá-lo. A professora esperou que KAU acalmar-se e raciocinou com ele sobre sua atitude. E todos inclusive KAU resolveram guardar os brinquedos recitando com a brincadeira de comando. Os pequeninos precisam compreender que há momento para cada coisa. Nesse sentido, Zagury acrescenta que devemos dizer “sim” sempre que possível e “não” sempre que necessário.

Infelizmente, muitas vezes a criança somente na escola é que passa a compreender que muitas coisas podem ser feitas e outras não podem ser feitas. Isso exige paciência e autodomínio por parte da professora.

Em outra cena analisada, a pró conduziu as crianças até a área externa para uma brincadeira chamada “coelhinho na toca”. Logo em seguida explicou as regras da brincadeira, todos menos JOA e PAM prestaram a atenção. JOA e PAM ficaram correndo pela área. Somente quando a brincadeira começou e elas tentaram participar.

Então na próxima brincadeira prestaram a atenção pois caso contrário tinham a certeza que não poderiam participar. Seria, difícil realmente pois apenas um por vez poderia andar na linha para se equilibrar.

Em seguida a professora orientou as crianças a andarem todas na linha desenhada no chão da área da escola. O resultado foi satisfatório, as regras eram: esperar a vez; não atrapalhar o colega; continuar andando na linha até o final desta; manter o equilíbrio para não sair da linha; e não ultrapassar o colega. As crianças cumpriram sem resistência as regras estabelecidas nessa brincadeira e participaram todas ativamente do cumprimento delas. Veja a foto acima.

3.4 INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS 4: AUTO AVALIAÇÃO

Ao voltar para a sala a professora pediu que as crianças externassem sobre os acontecimentos durante o momento da brincadeira do “coelhinho na toca”, realizada na área externa da escola. Foram muitos os comentários todos queriam dar a sua opinião. Porém, uma criança com a mão na cintura disse: “JOA e PAM ficaram correndo o tempo todo! Minha pró. Assim fica difícil né gente? ”

A professora não conseguiu conter a risada mesmo assim perguntou a elas o que elas achavam sobre o comportamento que tiveram durante as brincadeiras. JOA e PAM ficaram caladas. Então, MIL foi na direção deles para bater como correram ela bateu em LUI, logo em seguida olhou para a pró e pediu desculpa. A professora a desculpou, mas, MIL teve que cuidar da colega. Com auxílio da professora, ela ficou segurando um algodão molhado no braço da colega para aliviar a dor.

Em contrapartida a auto avaliação da brincadeira de andar na linha foi positiva de forma geral, pois, as crianças compreenderam as regras apresentadas pela professora naquele contexto.

Nesse respeito Wallon (2005, p.39,40)

Com base em suas competências e necessidades, a criança tem sempre a escolha do campo sobre o qual aplica suas condutas. O meio não é, portanto, uma entidade estática e homogênea, mas transforma-se juntamente com a criança.

Assim, após algumas transformações das crianças a professora percebeu a necessidade de atualizar os combinados então reuniu novamente as crianças e ficou perplexa com os resultados. Foram citados: Cuidar do colega; Obedecer a pró; Não bater no colega; Pedir desculpas (falas das crianças, 2015)

As crianças enquanto grupo ficaram empolgadas com os combinados mas, MIL, LUI, KAU,JOA e PAM não fizeram caso e continuaram a quebrar as regras. Porém, com menos frequência é evidente.

3.3 INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS 5: CONVITE DA ESCOLA PARA FAMÍLIA



Figura 5: Reunião com os pais e/ou responsáveis.

Em outro momento, os responsáveis dessas crianças foram convidados a pela gestão a comparecerem à escola, com o objetivo de participarem ativamente na melhoria do comportamento dessas crianças. Todos compareceram e relataram uma história, mais intrigante que a outra.

Soubemos pela avó de MIL, que ela é uma criança resistente a aceitar regras ela tem uma irmã menor, já presenciou a briga de seus pais onde a polícia teve que intervir, atualmente, seus pais brigam pela guarda dela e da irmã, a avó paterna diz que a escola deve proibir a própria mãe de pegar MIL e a mãe quer levar ela duas horas antes da saída para não encontrar com a avó paterna. Chegou ao ponto da escola ter que convocar o conselho tutelar para zelar pela integridade da criança.

LUI é a caçula dos irmãos segundo a mãe tem um gênio forte que ela mesma não sabe mais o que fazer. LUI convive com pessoas que falam palavrões.

KAU falta muito por ser traquino demais, sempre está com um curativo por tentar imitar os heróis dos desenhos que assiste.

JOA não quer desgrudar da espada que leva todos mesmo a mãe sendo informada sobre isso. A professora precisa negociar com ele todos os dias para que guarde a espadada no armário.

E PAM, é a irmã que cuida dela a mãe trabalha. E PAM, aprende tudo com a irmã mais velha, que fica na rua passeando até voltar para casa.

Realmente, a história dessas crianças precisa ser levada em conta ao analisarmos suas atitudes diante da construção de limites.

3.4 INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS 6: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS



Figura 6: Contação de história.



Figura 7: Apresentação da história Cachinhos Dourados.

A professora fez diversas intervenções contou histórias como a dos Sete Cabritinhos que conta como desobedeceram a mamãe e foram pegos pelo lobo e a de Chapeuzinho Vermelho que falou com estranhos e desviou-se do caminho da casa da vovó. Também foram encenadas algumas histórias como a de Cachinhos Dourados.

Ainda assim, LUI e MIL ficaram puxando os cabelos das colegas enquanto estavam assistindo à encenação teatral. A regente da turma que estava fazendo o papel de Cachinhos Dourados precisou intervir, enquanto personagem, pedindo silêncio. Um fato interessante foi que no início da apresentação, uma professora perguntou as crianças se ouviram com o quê? E uma criança respondeu com convicção: “com silêncio!” A professora certamente esperava ouvir, “com o ouvido! ”.

Percebemos que as histórias tanto narradas quanto encenadas são fortes aliada para se construir valores com os pequeninos. Eles lembravam a todo momento que Cachinhos se distanciou de sua casa e por isso se perdeu na floresta.

Outra intervenção significativa foi a construção dos combinados isso porque as regras não foram simplesmente impostas as crianças, e sim construídas democraticamente. Todos que desejaram puderam dar sua opinião a respeito do que pensavam ser relevante para os combinados. E o mais importante é que todas as sugestões das crianças foram levadas em consideração.

A rotina exposta na parede também fez parte de mais uma intervenção objetivando facilitar o cumprimento da rotina escolar. Assim, mesmo tendo resistência as seis crianças tinham noção clara da necessidade de segui-las.

Segundo Kishimoto, (2011, p.62) “O renascimento vê a brincadeira livre que favorece o desenvolvimento da inteligência e facilita o estudo. Por isso, foi adotada como instrumento de aprendizagem de conteúdos escolares. ”

Sendo assim, as brincadeiras são fundamentais para a construção de valores e desenvolvimento da criança como um ser que atua dialogicamente em seu contexto social.

Observamos que a professora também utilizou tanto brincadeiras marcadas por transmissão oral como brincadeiras livres e direcionadas. As mesmas possibilitaram outras crianças perceberem e refletir sobre o comportamento inapropriado de seus colegas.

Outra intervenção usada pela professora tem base nos estudos de Zagury, (2002) onde a mesma incentiva os adultos a premiar ou recompensar as crianças pelos seus atos positivos. Resultando no início da formação de um cidadão. A regente sempre elogiava as atitudes positiva de cada criança usando expressões como: “muito bem”, “parabéns”, “gostei”. Isso, contribuiu muito para a mudança de hábitos dos pequeninos.

Porém, Zagury (2002, p.66,67) nos alerta:

É importante, porém, que se aja com equilíbrio; exageros sempre soam de forma falsa; tanto o elogio quanto o prêmio devem ser adequados a dimensão do ato. Nem mais, nem menos. [...], não exagere na dose. Na verdade, seja autêntico, seja verdadeiro, elogie, premie, mas não torne falsa ou artificial a relação.

Durante a observação das crianças com dificuldade em respeitar regras, percebemos, que a falta de limites das cinco crianças em questão, interferiu diretamente na rotina escolar ao ponto dos colegas ficarem totalmente incomodados com os atos de descontrole emocional das mesmas. Alguns, chegaram a colocar as mãos nos ouvidos, outros, diziam: “ai meu Deus, vai começar! ” Ainda outros, começavam a chorar sem querer ficar na sala.

Que desafio para toda a escola! Pois, a gestão e colegas deixavam suas atividades para dá suporte necessário a professora e ao grupo como um todo. Em algumas ocasiões, o choro era tão intenso que uma colega precisava levar a criança para tomar um pouco de ar fresco na área externa. Enquanto a professora acalentava o restante do grupo.

Em consonância, evidenciamos que o tempo gasto para acalmar e acalantar todos os envolvidos nos conflitos diários se refletiu nos atrasos para lavar as mãos para a merenda, desenvolver as atividades propostas, bem como a saída para casa também ficava comprometida.

Algumas medidas foram tomadas por parte da gestão da escola, dentre elas podemos citar o convite aos pais à escola para acompanharem de perto o comportamento dos filhos, apoio e orientação a esses pais e apoio a professora do grupo analisado. Assim, entendemos que nenhum dos responsáveis infelizmente tinha a noção da importância de se dá limites aos filhos, citada por Zagury que nos adverte:

Algumas pessoas acham que dar limites aos filhos é uma questão de opção, mas essas pessoas não sabem que há uma progressão de problemas que podem derivar da falta de limites. Ao contrário do que parece a quem nunca teve filhos, educar, uma criança é um processo muito, muito complexo, com situações totalmente inesperadas para a maioria dos pais, que nem sonhava em ter tanto trabalho, todo dia, todas as horas do dia. (2002, p. 31)

Em contrapartida, constatamos que a professora trabalhava intensamente na construção de limites em parceria com os pais e todo corpo escolar. Pois, entendia que aquelas crianças não aceitaria os limites indicados de imediato seria um processo lento e contínuo.

A professora tinha a consciência que se mostrasse equilíbrio emocional, as crianças perceberiam sua segurança com bondade. E foi o que aconteceu com as crianças analisadas. Embora fossem isentas de limites, sentiram-se atraídas pelas atitudes de firmeza e afetividade.

Os valores foram aos poucos sendo internalizados e de forma geral as crianças foram tomando consciência desses valores morais.

Houve um aumento das expressões de sentimentos por aqueles que tinham se machucado de algum modo ou que tinham faltado a escola devido a estar enfermo.

Mesmo a criança que batia no colega já pedia imediatamente desculpa. Os gritos eram menos constantes, a atenção e participação nas atividades passaram a ser maior a cada dia, também apresentaram melhora no relacionamento com os demais colegas.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, foi importante buscar educar o olhar da observação, ou seja, aprender a “olhar”. Visto que todos os humanos são dotados da capacidade de opinar sobre nosso ponto de vista.

Segundo, Freire (p.10):

A ação de olhar e escutar é um sair de si para ver o outro e realidade, segundo seus próprios pontos de vista, segundo sua história. Só podemos olhar o outro e sua história, se tivermos conosco uma abertura de aprendizagens que se observam (se estudam) em sua própria história.

Após dois meses de observação percebemos que as seis crianças tinham apresentado uma melhora em respeitar as regras. Entretanto, elas ainda apresentavam dificuldades em aceitar limites mesmo com as intervenções diversificadas utilizadas diariamente pela docente para a construção de limites.

Constatamos que o trabalho desempenhado pela comunidade escolar, favoreceu o desenvolvimento de valores morais, contatando a família. Entretanto, a escola por si só não é suficiente para abarcar com os conflitos resultantes das mazelas sociais.

A professora evidenciou ter uma postura ética diante dos conflitos gerados pela ausência de limites das crianças. Se as atitudes de um pequenino, interfere, cinco é um número bem considerável, em se tratando de crianças do grupo quatro da educação infantil.

Culturalmente, as meninas são mais suscetíveis ao cumprimento de regras do que os meninos que são criados normalmente para mandar, impor seus desejos e ser servido pela mãe e pela esposa futura.

Um fato em destaque é que dessas cinco crianças dois eram meninos e três eram meninas. Será que as meninas estão mesmo mais resistentes ao cumprimento de regras? Ou será que os responsáveis estão mais, condescendentes com as meninas em relação com os meninos?

Essas e outras perguntas poderão com certeza fazer parte de outro processo de investigação científica.

O que mais me marcou nesta pesquisa foi a história de cada criança das cinco que foram analisadas. O contexto social em que vivem não favorece a construção de limites, muito pelo contrário, na verdade, essas crianças são constantemente incentivadas a romper as regras, inclusive por seus pais. Passei a entendê-las não como vilãs e sim como vítimas de um sistema caóticos e perverso em que vivemos. E que o professor é uma peça coadjuvante para a construção de limites com crianças na educação infantil.

Impressionante mesmo foi acompanhar a pesquisa fazendo parte dela, a todo momento pude avaliar minha prática enquanto professora de educação infantil. E ao mesmo tempo percebi a real necessidade de um pesquisador ter um olhar sensível a sua pesquisa. Do contrário pode cometer erros irreparáveis a ciência.

CONCLUSÃO

A pesquisa contribuiu significativamente para a minha vida acadêmica, profissional e também pessoal. A experiência vivenciada alavancou minha vontade de pesquisar mais e mais. Percebi que tenho condições reais de contribuir para ciência e faço planos para dá continuidade ao aprofundamento teórico que comecei durante o curso de especialização em educação infantil. Esse curso foi diferente de todos os outros em educação que participei, relação teoria e prática andou lado a lado, fato que possibilitou consideravelmente a compreensão ampliada do fenômeno pesquisado.

As crianças analisadas apresentaram uma melhora com as intervenções utilizadas pela professora. A pesquisa possibilitou-me a refletir na minha prática enquanto professora de educação infantil. Tive a oportunidade de usar de empatia com as crianças que trabalho e vê o que está envolvido por trás de suas atitudes inadequadas.

O rompimento de regras na maioria das vezes gera indignação a aqueles que estão direta ou indiretamente ligados a crianças que rejeita receber limites. O fato é quanto mais estudamos percebemos que ainda estamos longe de compreender o que realmente se passa pela mente dessas crianças. Elas são uma caixinha de surpresas. É importante termos a consciência que estamos em processo de mudanças comportamentais e as crianças acompanham esse processo mais rápido que os adultos.

Os resultados demonstram que a ausência de limites é fator que deve ser enfrentado tanto pelos pais quanto pelos professores, de modo a tentar contribuir com o resgate dos valores éticos e morais na escola e na família. Concluimos, que na escola pública muito se tem feito para a efetivação da construção de valores. Mas, esta não é uma responsabilidade exclusiva da escola.

Concluimos com está análise que na escola pública muito se tem feito para a efetivação da construção de valores. Porém, suas ações são limitadas pelas condições precárias em que funcionam, bem como pelas novas questões e estudos referentes a criança e a infância, que vem surgem a cada momento. Destarte, o estudo

mostra que este debate pode contribuir essencialmente para suscitar questões críticas de fundamental importância acerca da construção de limites na educação infantil.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, J. G. (Org). Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas. – São Paulo: Summus, 1997.
- AZAMBUJA, A; VERCELINO, I. Falta de limites na Educação Infantil. Junho, 2013. Disponível em: <<http://www.ijui.com/artigos49253-falta-de-limites-na-educacao-infantil-por-ana-azambuja-e-isamara-vercelino.html>>. Acesso em: 28 de julho de 2015.
- BARBOSA, M, C, S. Por amor e por força: rotinas na educação infantil. – Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.
- FREIRE, M. Observação, registro, reflexão: instrumentos metodológicos I. São Paulo: Espaço pedagógico, 2003.
- GALVÃO, I. Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil/Izabel Galvão. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- KISHIMOTO, T. M. Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação. 16 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- _____. O Brincar e suas teorias. – São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- MACEDO, R. S. A Etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação. 2. Ed. – Salvador: EDUFBA, 2004.
- OLIVEIRA, Z. R. (Org.). O trabalho do professor na Educação Infantil. São Paulo: Biruta, 2012.
- ROCHA, E. A. C; KRAMER, S. (Orgs.). Educação Infantil: Enfoques em diálogo. – Campinas, SP: Papyrus, 2011.
- SANTOS, C. R. dos. Ética, moral e competência dos profissionais da educação. Avercamp: São Paulo, 2004.
- SARAIVA. Júnior: dicionário da língua portuguesa ilustrado – 3ª ed. – São Paulo: Saraiva, 2009.
- SARAIVA. Infantil de A à Z: dicionário da língua portuguesa ilustrado – 3ª ed.- São Paulo: Saraiva, 2013.
- TIBA, I. Disciplina: o limite na medida certa. São Paulo: Dente, 1996.
- TIBA, I. *Quem ama educa*. São Paulo: Editora Gente, 2002.

TONUCCI, F. Quando as crianças dizem: agora chega! – Porto Alegre: Artmed, 2005.

VIGOTSKI, L. S. A formação social na mente: o desenvolvimento dos Processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

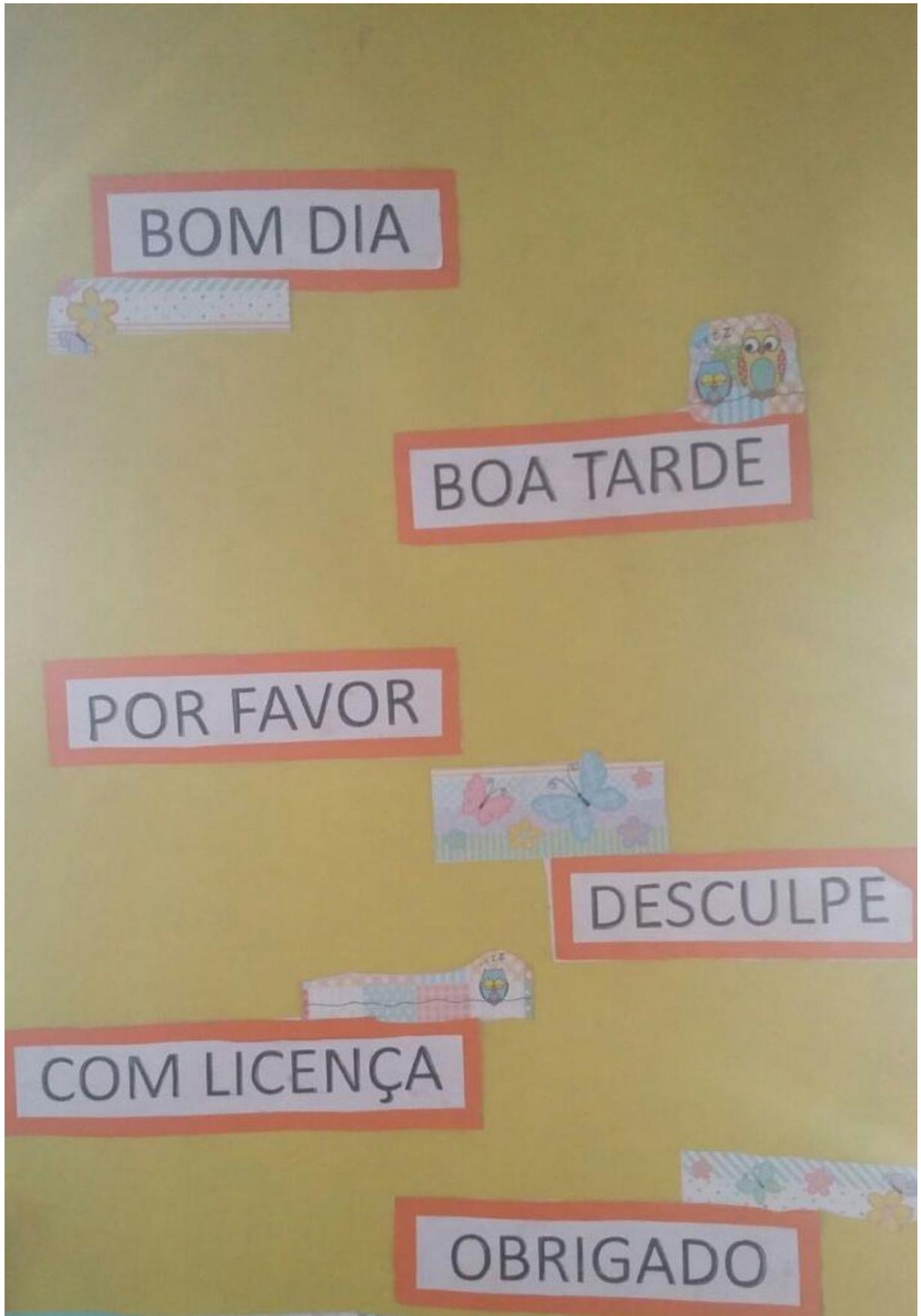
_____. Limites Sem Trauma. 16^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2001

ZAGURY, T. Limites sem trauma. – 40^a ed. – Rio de Janeiro: Record, 2002.

ANEXOS



1Rotina do grupo 04



2Palavras mágicas



3Brincadeira(Coelhinho na toca)



4Crianças em brincadeiras livres